**Novas abordagens no manejo de hipertensão arterial resistente.**

Abiana Santos da Cruz
 abianasantos.as@gmail.com
 UNICEUMA

Patrícia Fausto
 patriciaffaustomed@gmail.com
 UNIFIP

Pedro Alexandre Barreto Coelho
 pedrocoelhomfc@gmail.com
 Universidade Gama Filho

Larissa Bispo Mamede
 lari\_mamede\_b@hotmail.com
 Uninove

Daniel Gomes de Sousa
 danielsousa.med@gmail.com
 Afya Santa Inês

Ellen Nolasco Almeida
 ellenpnolasco@gmail.com
 UFBA - Vitória da Conquista

Ana Luísa Chaves Rocha
 analu.chavesr@gmail.com
 Universidade Católica de Brasília

Haroldo Euvaldo Brito Leda Neto
 Haroldo.neto01@gmail.com
 CEUMA - SLZ (MA)

Marcelo Henrique de Castro Rego
 marcelocastrorego@gmail.com
 Iesvap

Maria Fernanda Sales Campos
 Mfsc100@hotmail.com
 Uniceuma

**Introdução**: Representando um notável desafio clínico, a hipertensão arterial resistente (HAR) manifesta-se pela persistência de níveis elevados de pressão arterial, mesmo diante do uso adequado de três ou mais classes de anti-hipertensivos, incluindo um diurético. É indubitável que a HAR representa um problema sério de saúde tendo em vista as complicações trazidas com ela. Nesse sentido, novas abordagens terapêuticas, que englobam intervenções farmacológicas, mudanças no estilo de vida e avanços tecnológicos, têm emergido como alternativas promissoras para o manejo desta condição complexa e frequentemente debilitante. **Objetivo**: O objetivo da presente análise é rever as abordagens terapêuticas, tanto emergentes quanto consolidadas, no tratamento da HAR. **Metodologia**: A pesquisa se baseia em uma revisão detalhada de estudos entre 2018 a 2023 selecionados de importantes bases de dados científicas, como PUBMED, SCIELO e LILACS. Os artigos foram analisados para avaliar a eficácia de intervenções farmacológicas, como o uso de antagonistas do receptor mineralocorticoide (ARM), além de estratégias não farmacológicas e a implementação de métodos intervencionistas. **Resultados e Discussão**: As evidências revelam que o uso de ARM, quando combinado com outros agentes anti-hipertensivos, tem se mostrado eficaz, porém é necessário a avaliação contínua dos pacientes devido. Quanto às intervenções invasivas, a estimulação do seio carotídeo e a denervação simpática renal, apesar de promissores, têm limitações, seja pela invasividade dos procedimentos seja pela variabilidade nas respostas dos pacientes. O CPAP, utilizado no tratamento da apneia do sono, apresentou bons resultados em certos pacientes que tem indicação para o uso, mas sua eficácia depende da adesão ao tratamento. Além disso, a fístula arteriovenosa também tem sido investigada, mostrando bons resultados, apesar de ser associada a riscos de complicações vasculares. **Conclusão**: Em síntese, o manejo da hipertensão arterial resistente demanda uma abordagem integrada, de modo que possa haver de fato redução de desfechos clínicos desfavoráveis para o paciente. Entretanto, apesar de tais inovações se mostrarem eficientes é necessário mais robustez nas evidências para garantir sua eficácia a longo prazo e sua aplicabilidade clínica em larga escala.

**Palavras-Chave:** Manejo, Diagnóstico, Hipertensão Arterial

**REFERÊNCIAS:**

YUGAR-TOLEDO, Juan Carlos et al. Posicionamento brasileiro sobre hipertensão arterial resistente–2020. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, v. 114, n. 3, p. 576-596, 2020.

CASTANHEIRA, Julia Miguel Mesquita et al. ABORDAGENS TERAPÊUTICAS PARA O MANEJO DA HIPERTENSÃO ARTERIAL RESISTENTE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 8, p. 2793-2802, 2024.

LIMA, Fred Tenório et al. Denervação simpática renal no tratamento da hipertensão arterial resistente: relato de caso. **Rev. bras. hipertens**, p. 69-73, 2022.